

Faltam quatro meses para as eleições. E aí?

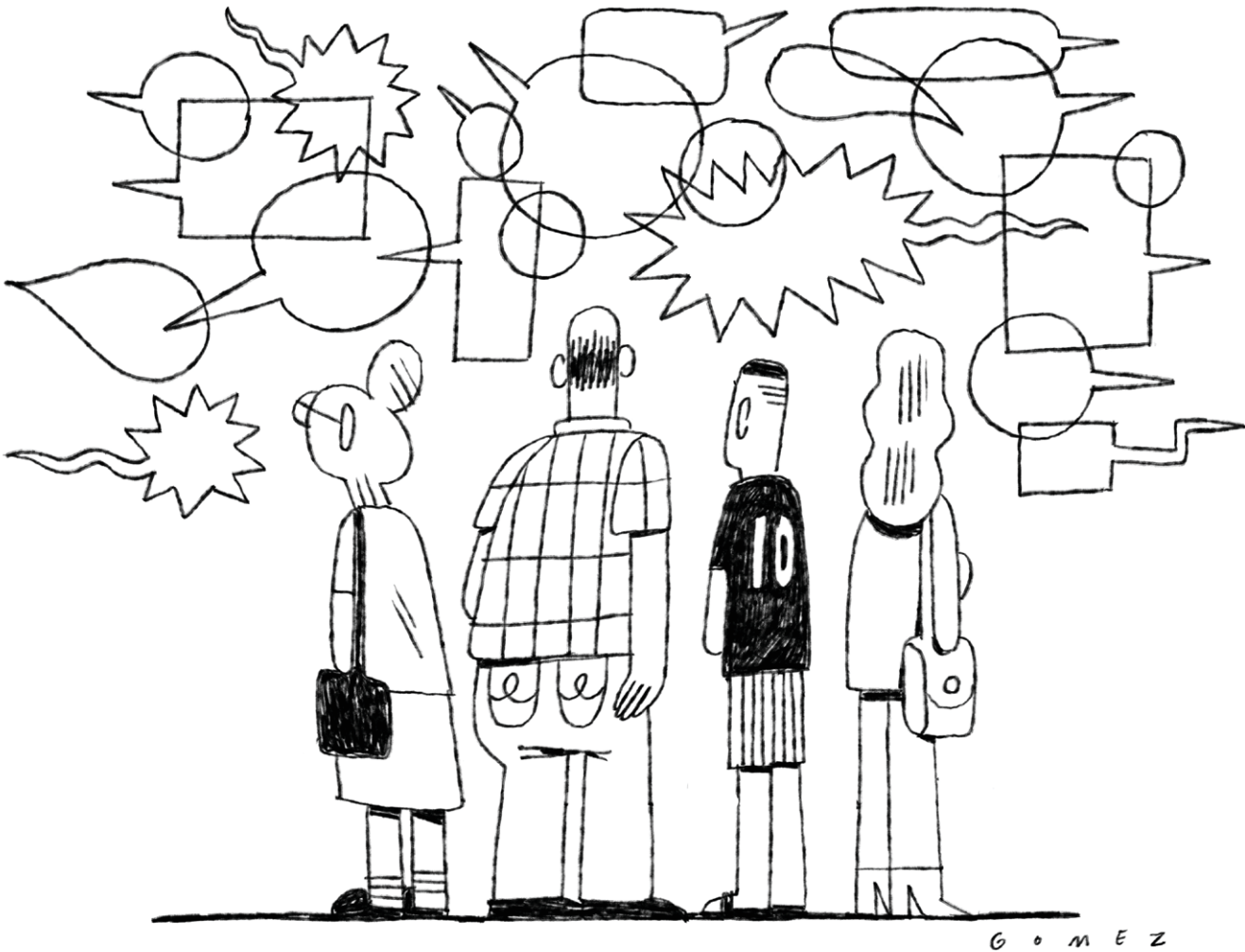


» DANIEL A. DE AZEVEDO
Professor de geografia política do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB)

É tentador imaginar que a disputa política será definida apenas por indicadores econômicos, alianças partidárias, tempo de televisão, desempenho nas redes sociais ou capacidade de articulação nos estados. Tudo isso importa. Mas, talvez, exista uma camada mais profunda e decisiva: a disputa entre tribos políticas. A palavra “tribo” pode parecer inadequada para descrever sociedades modernas, urbanas, conectadas e formalmente orientadas pela razão. No entanto, é justamente aí que reside o paradoxo. Desde o final do século 19, diferentes pensadores chamaram atenção para os efeitos da modernidade sobre a vida humana: um momento histórico em que a ciência, a razão e o cálculo teriam ocupado um lugar superior ao que antes era explicado pela tradição, religião e experiência coletiva. Nietzsche, ao afirmar que “Deus está morto”, não comemorava simplesmente o fim da religião. Sua frase, muitas vezes mal-interpretada, expressava uma preocupação com as consequências sociais e existenciais da perda de referências comuns. Se os grandes sistemas de sentido deixam de organizar a vida coletiva, o que ocupa esse lugar? Max Weber, provavelmente um dos maiores sociólogos da história, descreveu o avanço da racionalização moderna como um processo de desencantamento do mundo. A sociedade moderna teria produzido sujeitos cada vez mais pragmáticos e especializados, mas também menos conectados a sentidos compartilhados. O que isso tem a ver com eleições? Muito mais do que parece. A política não pode ser compreendida apenas como uma disputa racional entre propostas de governo. Ela também é uma arena

de reconstrução de vínculos, afetos e identidades. Em um mundo no qual antigas formas de pertencimento perderam força, cresce a busca por grupos capazes de oferecer reconhecimento e sentido. A modernidade prometeu indivíduos livres e racionais, porém, muitos desses indivíduos parecem agora procurar, com intensidade crescente, novas comunidades às quais possam pertencer. É claro que grupos sempre existiram na política. Durante muito tempo, a esquerda se estruturou em torno de uma identidade relativamente clara: trabalhadores, sindicatos, associações, movimentos populares e organizações de base. A política de classe era uma experiência socioespacial concreta. O problema, para esse espectro político, é que parte desse mundo se desfez. A fragmentação do trabalho, a informalidade, a plataformização, o enfraquecimento sindical e a individualização da vida social reduziram a força dessa antiga tribo política. Diante disso, a esquerda passou a buscar novos sujeitos coletivos. Pautas identitárias, por exemplo, tornaram-se fundamentais para sua reorganização contemporânea. A questão é se esses grupos, por si só, são suficientes para produzir uma maioria política estável ou se permanecem, muitas vezes, restritos a segmentos sociais específicos, com grande capacidade de mobilização simbólica, mas dificuldade de atravessar fronteiras sociais mais amplas. Além disso, para as eleições presidenciais, uma pergunta permanece: políticas sociais serão suficientes para eleger um presidente, mas continuarão ineficazes para reconstruir uma identidade coletiva duradoura em torno de seu partido? Nesse contexto, uma disputa como a do fim da escala 6x1 ganha importância especial. Ela pode ser lida como tentativa de reconstruir uma linguagem coletiva em torno do trabalho, justamente onde a esquerda perdeu parte de sua antiga força. Não se trata apenas de uma pauta trabalhista, mas de uma tentativa de recompor uma tribo social capaz de reunir pessoas a partir da experiência concreta do cansaço, do

tempo, da renda e da vida cotidiana. A questão é saber se essa agenda ajudará, de fato, na reconstrução de uma tribo de classe. A direita brasileira, por outro lado, parece ter encontrado nos últimos anos uma gramática tribal mais poderosa, construída, em grande medida, em oposição explícita à outra tribo. Nacionalismo e religião funcionam como elementos de agregação, já que a força desses repertórios está justamente em sua capacidade de atravessar antigas divisões sociais. Essas pautas mobilizam trabalhadores formais e informais, empresários, setores populares, classes médias urbanas, eleitores religiosos e pessoas sem identidade partidária definida. A tribo da direita se organiza, sobretudo, por pertencimento moral. Mario Vargas Llosa refletiu justamente sobre essa tensão entre liberdade individual e desejo de pertencimento coletivo em *O chamado da tribo* (2018). Seu diagnóstico é útil para pensar nosso tempo: a tribo voltou a chamar. Isso ajuda a explicar por que nacionalismos e movimentos religiosos conservadores crescem em diferentes partes do mundo. Não se trata simplesmente de ignorância, manipulação ou reação ao progresso, como muitos intelectuais, do alto de certo pedestal, tendem a avaliar. Essas forças oferecem uma resposta a uma angústia real: a sensação de desorientação em sociedades fragmentadas. O nacionalismo promete uma comunidade imaginada em larga escala. A religião oferece sentido, disciplina, pertencimento e explicação moral do mundo. As eleições de 2026, portanto, não serão apenas uma competição entre candidatos. Serão também uma disputa entre formas de pertencimento. Quem conseguirá oferecer uma narrativa capaz de fazer as pessoas se reconhecerem como parte de algo maior? Quem falará ao medo, à esperança, à fé, à identidade e ao desejo de comunidade? O erro está em imaginar que a política pode ser reduzida a planilhas ou slogans. Em 2026, talvez uma das perguntas centrais seja justamente esta: qual tribo terá força suficiente para transformar pertencimento em maioria eleitoral?



Copa do Mundo e a influência nas crianças



» ANNA DOMINGUEZ BOHN
Pediatra com especialização em terapia intensiva pediátrica, síndrome de Down, neurociência e desenvolvimento infantil

O Brasil, frequentemente chamado de país do futebol, é tomado por uma alegria contagiante em épocas esportivas. Quase todos carregam memórias afetivas intensas relacionadas à Copa do Mundo, independentemente da idade. O país vira uma festa: ruas coloridas de verde e amarelo, famílias reunidas e uma torcida que poucos povos conseguem reproduzir com a mesma intensidade. Se esse movimento mobiliza o país inteiro, do Oiapoque ao Chuí, para as crianças ele também produz impactos importantes, tanto positivos quanto negativos, que merecem atenção. Os benefícios do esporte são amplamente conhecidos. A prática esportiva ajuda a desenvolver disciplina, resiliência, trabalho em equipe e hábitos saudáveis que podem acompanhar o indivíduo por toda a vida. Além da saúde física, o esporte favorece o equilíbrio emocional e a socialização. No entanto, com o encantamento coletivo que acompanha grandes eventos esportivos, cresce a ansiedade de muitos pais em relação ao desempenho dos filhos. É nesse

ponto que surge uma armadilha silenciosa: a profissionalização precoce. Estimular uma criança a treinar de maneira excessiva antes do tempo adequado pode trazer consequências físicas e emocionais importantes. A especialização precoce ocorre quando crianças com menos de 12 anos passam a focar em apenas um esporte durante a maior parte do ano, deixando de lado o brincar livre e a prática de outras modalidades. Entretanto, o anseio dos pais pelo sucesso dos filhos, muitas vezes envolto em uma competição desmedida, cria uma armadilha invisível e silenciosa. Estimular e cobrar desempenho profissional antes do tempo adequado podem trazer consequências orgânicas e emocionais importantes. Embora pareça um caminho mais curto para o estrelato, a ciência mostra que essa prática envolve riscos sérios. Quando a carga de treinos ultrapassa a capacidade do corpo, especialmente quando o número de horas semanais se aproxima ou supera a própria idade da criança, o risco de lesões aumenta de forma significativa. Outro ponto relevante é o burnout, ou esgotamento físico e emocional. Crianças também sofrem com esse tipo de desgaste. Estudos com jovens atletas de alto rendimento indicam que parte deles perde o prazer pela prática esportiva e chega até a rejeitar o esporte que antes amava. Cerca de 70% das crianças deixam o esporte por volta dos 13 anos, e aquelas que iniciam muito cedo, sem espaço para o brincar

livre e para a experimentação de outras atividades, tendem a desistir ainda mais cedo. O isolamento social também é uma consequência frequente desse processo. A rotina intensa de treinos e competições pode afastar a criança do convívio com amigos da escola e de experiências sociais fundamentais ao desenvolvimento emocional, comprometendo habilidades importantes para a vida adulta. Por fim, há a pressão psicológica. A profissionalização precoce impõe uma cobrança constante por desempenho, fazendo com que a criança sinta que precisa vencer a qualquer custo. O esporte, que deveria ser fonte de prazer e descoberta, passa a ser vivido como obrigação e fardo. A literatura médica é clara ao demonstrar que crianças menores de 12 anos ainda não possuem maturidade física e emocional para suportar treinamentos intensivos comparáveis aos de atletas profissionais. Antes dessa idade, o ideal é estimular diferentes modalidades esportivas, favorecendo uma formação motora ampla e saudável. Alguns sinais de alerta incluem dores frequentes, cansaço persistente, queda de rendimento, alterações de humor, desânimo para treinar, dificuldades para dormir e piora no desempenho escolar. No fim das contas, o esporte deve ser um espaço de alegria, desenvolvimento, convivência e aprendizado, não apenas um caminho para resultados, medalhas ou carreiras futuras. A infância precisa preservar espaço para brincadeiras, descanso, socialização e prazer.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha // circacunha.df@dabr.com.br

A sombra do crime sobre o futebol

Durante décadas, o futebol brasileiro foi visto como muito mais que um esporte. Foi elemento de identidade nacional, instrumento de integração social e um dos poucos espaços onde ricos e pobres dividiam a mesma paixão. Nas arquibancadas, nos campos de várzea e nos grandes estádios, consolidou-se uma das mais importantes manifestações culturais do país. Hoje, porém, essa tradição enfrenta um adversário muito mais perigoso do que qualquer rival dentro das quatro linhas: a expansão silenciosa do crime organizado sobre a economia do futebol. Recentes investigações conduzidas por autoridades brasileiras e estrangeiras mostram que organizações criminosas passaram a enxergar o futebol não apenas como entretenimento, mas como um ambiente extremamente atraente para movimentação de recursos financeiros, lavagem de dinheiro, manipulação de resultados e ampliação de influência econômica. Trata-se de um fenômeno que já havia sido observado em outras partes do mundo e que, agora, desperta crescente preocupação também no Brasil. Relatórios de órgãos de segurança pública, investigações da Polícia Federal e estudos de organismos internacionais apontam que essas organizações diversificaram suas fontes de receita, passando a atuar em setores como mineração ilegal, contrabando de combustíveis, comércio clandestino de cigarros, grilagem de terras, transporte, logística, mercado imobiliário, fintechs clandestinas, empresas de fachada e esquemas de lavagem de dinheiro. Essa diversificação segue uma lógica empresarial. Bruno Paes Manso, do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP), afirmou que o tráfico continua extremamente lucrativo, mas também se tornou mais arriscado diante da cooperação internacional entre agências de combate ao narcotráfico. Para reduzir riscos e ampliar receitas, organizações como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e Comando Vermelho (CV) passaram a investir em atividades que ofereçam aparência de legalidade. Infelizmente, o futebol tornou-se um desses ambientes. O setor reúne algumas características particularmente vulneráveis. A circulação de grandes volumes financeiros, as negociações internacionais de atletas, a valorização subjetiva dos direitos econômicos, os contratos de publicidade, o patrocínio privado e a enorme quantidade de empresas intermediárias que criam oportunidades que podem ser exploradas para ocultação da origem ilícita de recursos. Não se trata de um problema exclusivamente brasileiro. Na Europa, diferentes operações policiais identificaram grupos mafiosos infiltrados em clubes, torcidas organizadas, casas de apostas e esquemas de manipulação de partidas. A Interpol, a Europol e organismos ligados à Fifa vêm alertando há anos para o crescimento das chamadas redes internacionais de manipulação esportiva. A Ásia tornou-se um dos maiores mercados clandestinos de apostas do planeta. Na Itália, investigações envolvendo a máfia demonstraram, em diferentes momentos, tentativas de utilização de clubes para lavagem de capitais. Na Bélgica, Espanha, Grécia e outros países europeus também surgiram operações policiais relacionadas à manipulação de resultados. O Brasil passou a integrar esse mapa de preocupação. A explosão das plataformas de apostas esportivas acelerou ainda mais esse cenário. A regulamentação do setor buscou criar regras para um mercado que já existia informalmente, mas especialistas em prevenção à lavagem de dinheiro alertam que a fiscalização precisa acompanhar a velocidade da expansão dessas empresas. Atualmente, as apostas esportivas movimentam centenas de bilhões de dólares por ano em todo o mundo. Grande parte desse volume circula por empresas sediadas em diferentes jurisdições, dificultando o rastreamento financeiro. No Brasil, o crescimento foi extraordinário. Patrocínios de empresas de apostas passaram a ocupar praticamente todas as camisas dos clubes das principais divisões. Estádios receberam nomes comerciais vinculados às plataformas. Programas esportivos, transmissões televisivas e redes sociais passaram a incorporar publicidade permanente dessas empresas. Esse novo modelo econômico trouxe receitas importantes para clubes que enfrentavam graves dificuldades financeiras. Ao mesmo tempo, aumentou o desafio regulatório. A manipulação de resultados tornou-se uma preocupação constante. Operações conduzidas pelo Ministério Público e pelas polícias estaduais identificaram esquemas envolvendo atletas, intermediários e apostadores interessados em eventos específicos das partidas, como cartões amarelos, escanteios e faltas, sem necessidade de alterar necessariamente o placar final. Essa modalidade de fraude tornou-se sofisticada exatamente porque movimentou enormes volumes financeiros em mercados pouco perceptíveis ao torcedor comum. É importante distinguir fenômenos diferentes. A grande maioria dos clubes, atletas, dirigentes e empresas do setor atua dentro da legalidade. Também não há base para afirmar que plataformas de apostas regularmente autorizadas participem de atividades criminosas apenas por integrarem esse mercado. Essencialmente, o problema reside na utilização desse ecossistema por indivíduos ou organizações que buscam explorar suas vulnerabilidades. É justamente por isso que fiscalização eficiente se torna indispensável.

» A frase que foi pronunciada

“É só o começo”
Carlo Ancelotti

» História de Brasília

A exposição de arte popular do aeroporto abriu, inaugurou, fechou e nunca mais abriu. (Publicada em 22/5/1962)